

Boas-vindas aos alunos... sem aula

DF - Educação

Nem todos os estudantes de escola pública compartilharam a alegria de reencontrar sala de aula depois de passar férias

Marcelo Abreu e
Rosana Tonetti
Da equipe do Correio

A bandeira empoeirada — meio desbotada — viu a cor do sol. Animados e enfileirados, os alunos cantaram o Hino Nacional. Engasgaram em algumas estrofes, pularam outras, desafinaram. Detalhe bobo. É pedir demais para crianças de 6 a 10 anos. Elas só queriam cantar. Fosse como fosse. E deram o recado.

Os mais esprevidados cutucavam os colegas. Faziam careta. Podia tudo. Valia tudo. Era a volta às aulas. Com mochila nas costas e cara de animação, 400 alunos de 1ª a 4ª série da

Escola Classe 312 Norte começaram o semestre.

Escola com cheirinho de tinta, pátio limpo, cadeiras e mesas consertadas. Pannel com frases de boas-vindas, tias sorridentes e pais aliviados. Orgulhoso, Rafael Ribeiro de Souza, 8 anos, era só sorrisos. E tinha motivo: seu pai, Francisco de Souza, voluntariamente, pintou a escola inteira nas férias.

"Foram duas semanas e eu vinha com ele para ajudar", conta o garoto, que cursa a 3ª série e mora na 710 Norte. As tintas foram compradas com o dinheiro da Associação de Pais e Mestres (APM) da escola.

A professora de Rafael, Dalva Mota Azevedo — 42 anos e 21 de profissão

— parecia uma normalista no primeiro dia de magistério. "Dá uma palpação, é como se fosse a primeira vez que estivesse entrando numa sala de aula", diz.

Em outra sala, Sandra Gasparino pôs os alunos da 1ª série sentados em círculo no chão. Era aula de leitura. Cada um tinha que contar como foram as férias. Deu asas a cobra. Ninguém parou mais de falar. Foi um tititi sem fim.

Do lado de fora, sentada num banco, a doméstica Maria do Carmo Castro, 40 anos, esperava a hora de pegar no trabalho, às 9h. Ela saiu do Gama às 6h25 para deixar o filho, Diones, de 10 anos, na escola. "Meu filho estuda aqui há três anos e cada ano fico mais satisfeita com o ensino", elogia a mãe.

SEM PARQUINHO

O reinício das aulas não foi tão feliz para todas as escolas. Os 292 alunos do Jardim de Infância da 312

Norte — em função de uma reforma por que passa a escola — tiveram que ser alojados em uma igreja, na 410 Norte. Para identificar a escola, a APM comprou um balão azul e branco e o colocou na entrada da igreja.

"As crianças ficaram sem o parquinho com brinquedo e esta semana vai ser de adaptação com o novo espaço. Estamos nos acomodando da melhor maneira", informa a diretora do Jardim, Maria Leonídia César. Otimista, ela acredita que em setembro deve voltar para a escola. "Foi o que o secretário de Educação garantiu para nós."

Mariana Aguiar, de 6 anos, achou muito estranho voltar à escola "que não tem parquinho". Olhou tudo ao seu redor e perguntou: "Tia, a gente vai voltar para nossa escola, não vai?"

Se para o Jardim de Infância há previsão de retorno, a mesma sorte não tiveram os 2.200 alunos do Gisno — da 7ª série ao 2º grau — na 906/907

Norte. Uma reforma que nem começou e não tem data prevista para acabar (a direção arrisca que até o final do ano esteja pronto) deixou ontem todos os alunos sem aula.

"O vespertino irá para o Ceub. O turno da manhã vai para as Escolas Classe da 104 e 711 Norte", explica a diretora, Norma Mamebe Hernandez. Mas o impasse está em relação aos alunos da manhã. "Teremos hoje à tarde (ontem) uma reunião para definir exatamente isso", continua Norma.

Irritados com a situação, os alunos do 3º ano do 2º grau, Gilson Santana, Carlos Eduardo Salvador e Fábio de Almeida, todos com 17 anos, soltaram a língua. "A gente não tem nem certeza se vai estudar esse resto do ano", duvida Gilson. "Até agora, não tivemos uma aula de história", denuncia Carlos Eduardo. "Como é que vamos prestar vestibular desse jeito?", indaga Fábio.

Obras durante o semestre

O semestre letivo das escolas públicas do Distrito Federal será marcado pelo tripé reforma, ampliação e construção. "São 71 obras, que deveriam ter sido iniciadas em 1996, mas que só agora conseguimos os recursos, que são do Orçamento Participativo", afirmou o secretário de Educação, Antonio Ibañez.

Nas instituições em que as obras interferem em toda parte arquitetônica e instalações dos prédios, os estudantes estão sendo distribuídos entre a vizinhança,

segundo Vera, apenas 5% entre as que participaram da concorrência pública não aceitaram revalidar as propostas.

Duas das obras mais caras serão a construção do Centro Educacional do Lago Norte e do Centro Profissionalizante de Saúde de Planaltina. Para ser erguida, cada instituição consumirá R\$ 1,2 milhão. E entre as reformas, uma das consideradas mais caras é a do Centro Educacional Gisno, na 906/907 Norte, orçada em R\$ 696 mil.

GREVE

formada por igrejas, escolas ou salas de aula alugadas. A Secretaria de Educação está investindo R\$ 28 milhões nas obras. Algumas reformas tiveram início nas férias de julho enquanto outras devem começar em breve.

Este transtorno será vivido, em média, por 50 mil dos 514.686 alunos da rede de ensino público do Distrito Federal. "Conseguimos acomodar todos os estudantes. Ninguém vai ficar sem sala de aula", garante Ibañez. Para ele, as obras correspondem à expectativa da população. "Existem prédios que foram construídos há mais de 30 anos e que nunca passaram por reforma. Há escolas, como muitas de Ceilândia, completamente deterioradas. A comunidade aguardava ansiosa por esta iniciativa", completa o secretário.

"Gostaríamos de fazer isto durante as férias, mas não havia outro jeito. Tivemos que conciliar o calendário de recursos com o das licitações. Portanto, para se ter uma nova escola é preciso espírito de colaboração também por parte de pais e alunos", salienta a assessora de Divisão de Engenharia da Fundação Educacional, Vera Galvão.

Com a demora na entrada de verbas, algumas empresas licitantes desistiram das obras. Mas

No próximo dia 12, os professores da rede de ensino público do Distrito Federal vão disparar o sinal vermelho, paralisando as atividades por 24 horas. "Será apenas uma demonstração de repúdio por tudo o que o servidor do Distrito Federal vem sofrendo", afirmou Marcos Pato, diretor de Assuntos Educacionais do Sindicato dos Professores (Sinpro). Os professores assinaram uma pauta junto com a Central Única dos Trabalhadores (CUT), na qual reivindicam 28,86% de pagos aos servidores militares do governo federal; 65,67% de perdas salariais, segundo cálculos do Dieese.

Os professores também querem a incorporação de 21,57% do pagamento da Tiden — gratificação por dedicação exclusiva ao ensino —, e pagamento de vale-transporte e alimentação.

"Apenas vimos os anúncios da CUT e sabemos que haverá paralisação", se limitou a dizer Ibañez. "Entretanto, fomos informados também de que o governo federal quer reduzir, em 1998, o repasse de verbas para a folha de pagamento de funcionários do Governo do Distrito Federal (GDF). Só com a área de educação temos que complementar a folha com R\$ 10 milhões todos os meses", salientou o secretário.